

MIRAGENS

Carlos Herculano Lopes

A minha filha era uma moça morena, alegre, sonhava com dentes-de-ouro e gostava de jogar bente-altas. Casou-se com um baiano vendedor de pedras e se foram juntos em uma tarde, nas estradas de Curvelo. Já a minha neta, uma menina mais clara, nas vésperas de se formar no ginásio, foi levada por aquele rio, ali atrás no quintal. Mas anos antes, Elói, o meu marido — que não gostava de tomar banhos — já havia me deixado, em silêncio, com os olhos presos nos meus. O meu neto caçula, de um dia para o outro, foi-se embora para São Paulo. Nunca mais tive notícias. Sozinha aqui neste canto, e com quase noventa anos, eu, já enxergando pouco, todas as tardes, para passar o tempo, me assento ali na varanda, de frente para a rua. Não é sempre que a vejo: mas às vezes a morte, ignorando os meus chamados, costuma passar.